

Apresentação

A Revista Espaço Livre (REL) está, com este número, completando treze anos de existência. Desde o seu primeiro número tem afirmado a necessidade de contribuir com a luta revolucionária e intensificar a crítica à cultura e ao mundo burguês. Hoje, encontramos um contexto propício para o avanço da luta revolucionária, momento em que a elaboração e aprofundamento da teoria pode ser sentida, logo, que pode ser percebida a contribuição da REL que nestes anos vem dedicando à publicação de reflexões que buscam fazer a crítica desapiedada do existente, pois, como já havia dito Marx (2005, p. 151),

É certo que a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, que o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria converte-se em força material quando penetra nas massas. A teoria é capaz de se apossar das massas ao demonstrar-se *ad hominem*, e demonstra-se *ad hominem* logo que se torna radical. Ser radical é agarrar as coisas pela raiz.

É nesse sentido que a capa desta edição é apresentada. Aí está, em forma de imagem, o que a Espaço Livre busca ser na forma de texto, ou seja, a crítica, a negação ao mundo existente e a expressão teórica, a afirmação da autogestão social.

A hora do fim do modo de produção capitalista se aproxima, isso é o que indica a sua história, isso é o que indica o contexto atual. Há os limites da consciência burguesa que continua representando uma barreira para os indivíduos perceberem esta situação, mas o muro que se coloca à sua frente pode ser superado pela teoria. É neste sentido que a teoria, ao ser tomada como referência para pensar a vida, oferece armas, instrumentos, para superar a ideologia, para superar os limites da própria consciência burguesa. Quando isso se efetiva um novo mundo desponta no horizonte. Uma nova vida começa a germinar na consciência antes desesperançosa, mas agora acesa e atenta ao que pode ser efetivado através da luta revolucionária.

A crítica não corresponde a uma mera formalidade pautada na atuação desinteressada da intelectualidade. Não corresponde a uma forma elaborada com a finalidade do entretenimento, como o faz alguns indivíduos que se aventuram à literatura. A crítica aqui entendida é uma arma, por isso Marx denomina-la de arma da crítica, de teoria. E por teoria entende-se a articulação da luta revolucionária do proletariado no campo da cultura complexa.

Com isso estamos querendo dizer que a luta empreendida no campo da cultura é fundamental em um processo revolucionário assim como para sua instituição. Do ponto de vista do proletariado é algo que deve ser intensificado, ampliado cada vez mais, uma vez que esta luta pode ter como consequência o fortalecimento da luta revolucionária no campo da cultura, no interior da luta de classes. A teoria torna-se assim efetiva na ação individual e coletiva. É

concretizada quando manifesta nas ações que estabelecem o enfrentamento do mundo burguês e de tudo que o representa e o reproduz. Esse o caminho a ser percorrido enquanto a realidade de classe existir.

É pautada por esta reflexão que a atual edição é iniciada com uma reflexão sobre o método dialético em Marx, apresentada por Felipe Andrade. Na sequência, uma importante análise sobre o estudo alienado sistematizada por Rubens Vínicius e Diego Marques. Posteriormente, há o resultado dos estudos de Renan Lima sobre a concepção de utopia em Ernest Bloch e sua relação com a crítica revolucionária. Em seguida, Nildo Viana apresenta uma discussão sobre a relação entre os movimentos sociais e os partidos políticos, focando em um dos seus elementos fundamentais que é o aparelhamento. André Melo apresenta também uma abordagem sobre os movimentos sociais, porém, buscando compreendê-los na concepção de Rouraine e Melucci. Já o artigo posterior, de autoria de Kelsse Borges, coloca como objetivo verificar se as composições de Raul Seixas podem ser utilizadas como recurso didático no ensino de história. Alvinan Catão traz em seguida uma discussão sobre os fundamentos da psicologia na concepção de Politzer. O penúltimo texto desta edição tem como objetivo “discutir os limites e as possibilidades do trabalho docente de uma professora no início de sua carreira em uma Escola Pública de São Gonçalo, Rio de Janeiro”. E, por fim, há o estudo de Yuri Agostinho sobre as contribuições da Sociedade Cultural de Angola para o desenvolvimento dos valores artísticos em Luanda.

Com este conjunto de textos avançamos um pouco mais na compreensão de determinados aspectos da sociedade capitalista. Não é um trabalho simples o de compreender o mundo que vivemos em uma perspectiva revolucionária. Pressupõe, primeiramente, superar os próprios limites da consciência burguesa que nos foram inculcados no processo de formação escolar e na própria formação que recebemos em nosso cotidiano, onde introjetamos diariamente os valores burgueses. Mas não é impossível superá-los. Aqui nesta edição encontramos muitos exemplos de sua possibilidade. Ao leitor, desejamos com este número proporcionar mais uma vez um momento de reflexão e de possibilidade de superação dos limites da consciência burguesa.

Referências bibliográficas

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Boa leitura!
Conselho Editorial.